

O POSSÍVEL (E NECESSÁRIO) DIÁLOGO ENTRE MÍDIA E ESCOLA

Sérgio Seabra

*"Você bota um grupinho para fazer um programa de rádio.
Nunca fizeram, mas são usuários da mídia, então sabem fazer.
Você mexe com isso e desencadeia vários processos
e o que a gente quer é desencadear."*

Grácia Lopes Lima

"Apáticos" ou "rebeldes", no mais das vezes o comportamento dos alunos é reativo à clausura de um ambiente em que não se pode expressar-se com liberdade: a sala de aula – e, em sentido mais amplo, o mundo. Com o espaço público reduzido, confinado nos meios de comunicação – e estes, por sua vez, concentrados sob a tutela de grupos cada vez mais restritos – o cidadão que se quiser fazer ouvir terá que saber mediar suas mensagens, conhecer seus processos e ser capaz de produzir informação por meio de suas linguagens.

A escola foi atropelada pela TV e outros aparatos da Indústria Cultural. Com o fato consumado, "a angústia do professor é saber como se capacitar para enfrentar isso", diz Adílson Citelli, pesquisador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP. Pesquisa realizada por Citelli no final da década de 90 apontou que 91% dos professores – em universo de 269 profissionais das redes públicas de ensino do Estado de São Paulo – afirmaram ter "necessidade de receber apoio de materiais ou cursos para trabalhar com as linguagens dos meios de comunicação" em sala de aula.

Desta e outras pesquisas, o NCE partiu para a prática em parceria com os poderes públicos do município e do estado de São Paulo. Para o Estado, realizou o educom.TV. Junto à Prefeitura de São Paulo, realiza, até o final de 2004, o **educom.rádio**, que consiste na implantação de um equipamento de rádio nas escolas da cidade, acompanhado de um processo de diálogo entre alunos e professores que objetiva a co-gestão do aparelho – e do poder dele derivado – em um processo que os pesquisadores definem como educamunicativo (leia matéria na página XX).

Além da capacitação técnica, o curso de seis meses – ao longo de doze sábados – aborda a necessidade de se pensar a Comunicação relacionada a eixos temáticos previstos nos PCNs – tal como o desenvolvido pela formadora Tereza Melo em sua palestra na escola pólo EMEF

D'Alkimin: Comunicação e Meio Ambiente. Por meio de participativa dinâmica proposta aos professores cursistas, Tereza os fez relacionar, em uma arbitrária linha do tempo, fatos históricos relacionados aos dois temas em questão. Do advento do papel e da agricultura à Internet e ao Protocolo de Kyoto, passando pelo surgimento do Cinema, do Rádio e da TV, das grandes navegações e seu caráter extrativista, da WWF e do Greenpeace. Um arrazoado tal que levou os presentes à reflexão sobre os altos níveis de consumo, insustentável para o planeta, e a cultura da mídia, construída, justamente, sobre o incessante incentivo ao consumo.

Professora e doutoranda da UFRGS, Paula Basso Gomes aponta para caminho semelhante. "É preciso fazer com que as pessoas pensem sobre o sentido deste produzir-consumir a fim de verem para o que estão dando valor", defende. Depois de estudar as imagens das mocinhas Disney e suas relações com o modelo da boneca Barbie em sua tese de mestrado, Paola se debruça sobre a indústria do entretenimento e seu processo de produção de monstros e vilões.

O tema percorre a *Educação para os Meios* porque toda a mídia veicula, entre bons e maus conteúdos, o tal incentivo ao consumo. O poderio econômico desta situação também é questionado com a *Educação pelos Meios*, pois esta possibilita aos que dela desfrutam não só o domínio técnico dos processos de construção de programas de rádio e TV, mas, sobretudo, a melhoria da expressão, oral, escrita e corporal.

Para atender a demanda observada pelo professor Citelli, o NCE não está sozinho. A Empresa Municipal de Multimídia – MultiRio, do Rio de Janeiro, vinculada à Secretaria Municipal de Educação desta capital, tem a utilização de novas tecnologias junto ao setor público de ensino como meta de atuação. Em Salvador, a ONG Cipó mantém estreitos laços com as escolas da rede municipal e, em Cuiabá, é a própria Secretaria Municipal de Educação que desenvolve os projetos na área. As experiências que prevêm a capacitação dos professores para a tarefa ocorrem também fora do ensino público. O Instituto Ayrton Senna (IAS) ajuda a manter várias iniciativas que procuram incentivar o protagonismo juvenil por meio da Educação para a Comunicação e a Associação Nacional de Jornais (ANJ) promove uma série de encontros regulares entre os 37 programas de Jornal na Educação mantidos por seus filiados (veja matéria na edição de dezembro de 2002). De maneira pontual, muitas outras ONGs mantêm projetos de fazer brilhar os olhos dos interessados no futuro. A paulistana Cala-Boca Já Morreu e o carioca Cecip (Centro de Criação de Imagem Popular) são exemplares destas luzes no fim do túnel.

Vivenciar a experiência é a base para a formação

Em parte inspirado pelas experiências do grupo teatral chileno Ictus e da TV Viva, de Olinda, o Cecip é constituído em meados dos anos 80 para produzir vídeos e exibi-los para uma rede formada por Associações de Moradores da periferia carioca. À frente do projeto, um seleto grupo que reunia, entre outros, Washington Novaes, Eduardo Coutinho e Claudius Ceccon, hoje secretário-geral do Cecip. As produções sobre a realidade brasileira em parceria com a britânica BBC, o francês Channel 4 e a alemã ZDF colecionaram mais de 60 prêmios. Não satisfeitos, passaram a produzir publicações que acompanhavam o vídeo e, por meio deles, estabeleceram o primeiro contato com o ambiente escolar.

Já na segunda metade da década de 90, enquanto o projeto "Estatuto do Futuro", premiado pela Unicef em 1999, era produzido, o trabalho do Cecip apontava para outra direção. "O kit mais bem feito, o trabalho mais explicado e completo não se realiza se não houver um processo de formação em que as pessoas vivenciem a experiência", constatou Claudius. O passo para a Educação para os Meios se deu aos poucos. Anos se passaram entre o projeto "Vídeo-Carta" (em que alunos filmavam-se mutuamente para se fazerem conhecer em outra escola) e o atual projeto, desenvolvido para grupos de professores e de estudantes.

Noni Ostrower, coordenadora do projeto "Botando a Mão na Mídia", define seus dois sentidos norteadores: 1) a construção do discurso midiático e 2) a apropriação de novas tecnologias, para a manipulação de câmeras e vídeos, aí incluídas as ligações de cabo e até mesmo a orientação de antenas parabólicas. "O lado técnico foi inserido", explica Noni, "porque descobrimos o grande medo dos professores de pagar mico na frente dos meninos".

Em cinco encontros de quatro horas, os professores são submetidos a uma ágil e rígida rotina de tarefas. No primeiro encontro, já à chegada dos mestres, estes são gravados e questionados sobre a televisão. Propõe-se um debate de 20 minutos, também registrado. A posterior exibição do material, bruto, gera as primeiras reações sobre o poder do vídeo, a identidade e a auto-imagem.

No encontro seguinte, a discussão pega fogo e ganha foco. O debate é apresentado em 8 minutos, após severo processo de edição que inclui até mesmo perguntas não realizadas no dia do debate. "Toda mídia passa por uma seleção e uma ordenação que tem um objetivo e um sentido", orienta a coordenadora; e os professores sentem, sobre a própria imagem, os feitos deste processo de seleção e ordenação. Também percebem a diferença de acompanhar um evento ao vivo ou posteriormente editado. A discussão sobre os elementos

da linguagem audiovisual prossegue nos encontros seguintes, variados de acordo com o grupo. Seja um telejornal, um comercial, uma ficção, ou programas de rádio, “é sempre uma edição, sempre uma construção de sentido”, resume Noni.

A oficina abriga espaços para a leitura de textos teóricos – trechos retirados da obra de Joan Ferres (veja quadro) – sobre o que discutiram ou sobre o que irão produzir em seguida, não sem antes discutir em grupo e socializar a síntese. Este é outro eixo do trabalho, a construção coletiva do conhecimento. Claudius deixa claro: “Na hora em que você vai para a formação através da prática, é fundamental estabelecer uma relação em que cada pessoa possa se expressar, expressar suas dúvidas, possa errar, dizer coisas que acha ridículas ou que tem medo de confessar, fazer perguntas e que possa perceber que as pessoas que estão ali são pessoas que têm problemas muito parecidos”.

Ao transpor isto para a sala de aula, o aluno torna-se também uma fonte de conhecimento. Ele traz uma experiência, um ponto de vista, uma cultura – conhecimentos que são dele e de seu grupo social e que irão se complementar com os conhecimentos dos outros. A dificuldade em estabelecer este ambiente não é pequena. Claudius aponta uma freqüente armadilha dos encontros em roda na sala de aula: “Uma coisa é colocar um assunto em discussão e esperar a resposta certa, outra é permitir que esta discussão se desenvolva”, evitando os excessos e recolocando a questão central em discussão “até que haja um consenso não em torno de uma única resposta, necessariamente, mas em torno de um diálogo entre opiniões que representam modos de ver diferentes, mas que não sejam opiniões rígidas, mas resultantes de um processo de argumentação”.

Permeia o trabalho, durante todo o tempo, o questionamento crítico. Na análise de um telejornal, assistido na íntegra, os professores se pegam sem se lembrar de todas as matérias e, ainda que reste a impressão de se estar bem informado, descobre-se que o formato do telejornal não oferece a possibilidade de compreensão dos acontecimentos. Quando muito, prestando muita atenção, pode-se, se tanto, obter informação. O conhecimento, a relação entre estas e outras informações, é um tanto mais complexo de se obter.

Ao debruçarem-se sobre a atividade de criar um comercial para “um produto que seja completamente inútil ou prejudicial à saúde”, além de boas risadas, os professores colhem duas surpresas: a qualidade dos discursos por eles produzidos e a quantidade de produtos inúteis ou maléficos presentes no dia-a-dia da TV. Com adolescentes, o sucesso do trabalho com comerciais é garantido, assim como a polêmica. No mais das vezes, a turma se divide entre os defensores dos valores aparentes (a tecnologia e a agilidade, em uma propaganda

de banco, por exemplo) e dos fatos escondidos (o aumento do desemprego). "O objetivo", destaca Noni, "não é o convencimento imediato de uma posição sobre outra, mas a criação do espaço de diálogo". Há que se entender que este não é o momento de colheita, mas de plantio.

Após passar pelo "Botando a Mão na Mídia", a professora Rosana Carvalho, do CIEP Aarão Steinbruch, em Duque de Caxias, encarou a demanda. Com a câmera de vídeo em punho, ainda que de modo amador e trepidante, registrou as condições da escola: o pátio sujo, os banheiros quebrados, as paredes pichadas e o interior das salas, inclusive a dos professores, em péssimo estado. Para todo o corpo escolar, o abandono e a sujeira da escola eram "um fato natural".

Exibido aos alunos, não foram necessários dez minutos para que eles próprios sugerissem um mutirão, que acabou por envolver 60% da escola, varrendo e lavando salas, limpando pichações, trazendo plantas, pintando e montando murais temáticos, fazendo lixeiras com *pets* recicladas. A partir de uma gravação imperfeita, a escola decidiu mudar sua auto-imagem, fortalecendo a auto-estima e a identidade dos que se envolveram.

"O MD é mágico". "É uma arma".

Grácia Lopes Lima e Donizete Soares não conhecem a história relatada acima. Mas é por experiências do gênero que conduzem apaixonadamente o próprio trabalho. Grácia é a Coordenadora Educomunicacional e membro da equipe de formadores do projeto *educom.rádio*, assim como Donizete. Ambos são sócios diretores do GENS – Serviços Educacionais e da ONG Cala-Boca Já Morreu.

Muito consonante ao trabalho do Cecip, Grácia sintetiza seu objetivo: "utilizar rádio, vídeo, internet e jornal como instrumentos para constituição de sujeitos autônomos". Algo que vale para qualquer segmento social e para qualquer idade. Por isso, o Cala-Boca reúne 20 jovens de 9 a 48 anos – Grácia aí incluída – de vários estratos sociais sem que isso prejudique o trabalho. Pelo contrário, enriquece: "ao juntar as pessoas, aprende-se a conviver". A ausência da visão assistencialista é outro referencial do trabalho.

Sem deixar de lado um segundo sequer a teoria, Grácia é taxativa: "É muito mais eficiente e abrangente começarmos com a produção, seja o público que for. A partir do momento que você passa a dominar o processo de feitura, de produção de informação – recupero palavras deles mesmo – jamais vai ver televisão ou jornal da mesma forma ou ouvir rádio do mesmo jeito".

O Cala-Boca tem uma característica peculiar, pois o grupo, ou parte dele, está junto desde 1995. Originalmente constituído por dez crianças de 7, 8 anos, seis delas permanecem no projeto, o que torna a turma naturalmente afiada. Antes que se estranhe o pouco alcance da iniciativa, é melhor dizer: a metodologia do Cala-Boca contribuiu para a do educom.rádio, que será aplicado em todas as escolas municipais da capital paulista e também é utilizada pelo GENS na assessoria às prefeituras de Sorocaba (SP) e Vargem Grande Paulista (SP). E mais: com a estrutura para a realização de programas de rádio montada, Grácia convida ONGs interessadas para utilizar o equipamento e criar seus próprios programas.

Tiago Luna, membro da equipe do Cala-Boca, traz os colegas da EE Prof. Architiclino Santos, o "Verdão", para produzirem um programa semanal para a escola, transmitido semanalmente na hora do intervalo. Sem um projeto na escola voltado para a utilização do equipamento já existente, a iniciativa de Tiago recebeu calorosa acolhida da professora de História, Sônia Regina, também radialista e incentivadora.

A equipe do Cala-Boca vive um momento de muitas transições. Não bastasse a maioria do grupo passar pelas inquietações próprias dos 15 anos, o formato do programa que produzem – de duas horas, transmitido ao vivo, sem gravação – sofrerá tripla transformação: reduzido para 25 minutos, ele passa a ser temático, gravado e transmitido pela Rádio Luterana, do site globo.com, além de armazenado no **portalgens.com.br**. Com 600 mil acessos por final de semana, a responsabilidade cresce. Nem por isso, estão contentes com o que produzem. Mariana Manfredi constata: "nossa linguagem está muito formal". Ísis, Tiago, Jefferson, Felipe, Mari, Liz, a novata da equipe, e Mariana KZ – os presentes à reunião – concordam. Sentem-se politizados demais, não se reconhecem no programa e buscam novos caminhos.

Tecnicamente, estão encantados com o novo aparelho que possibilita a gravação digital. "O MD é mágico", diz Mariana KZ. Ísis explica: "É como um texto de computador, você recorta e cola, é uma arma!". Afeitos aos gravadores de fita cassete, surpreendem-se com a facilidade de se construir discursos e alterar sentidos com as mudanças de ordem e a inclusão de novas falas. Manfredi aponta a perfeição técnica pelo ajuste ser feito "em milésimos de segundo".

Tateando as saídas para o roteiro do novo programa, Mariana Manfredi, recém completos 15 anos, revela sem drama ou excessiva graça estar vivendo uma "crise existencial". Jefferson diz que já fez as mesmas perguntas – "Por que acordar todos os dias? Para que estar vivo?". O ambiente é o descrito por Claudius Ceccon: aprazível, propício para a

aprendizagem. O encontro não avança sobre o roteiro, mas reflete um momento de amadurecimento do grupo, insatisfeitos não com o processo, mas com o programa que estavam produzindo. Querem, como é comum aos seres humanos, ser comunicativos para variados públicos. E ponderam como fazê-lo.

Grácia celebra o momento: “quando se perguntam ‘para quem nós estamos falando?’, eles estão se perguntado ‘para quem é o nosso discurso’ e isso se refere a Paulo Freire: Ler para quê, Escrever para quê se não para conseguir fazer uma interação de pessoa para pessoa?” Psicopedagoga clínica, professora de português, Grácia preocupa-se desde sempre com a expressão das pessoas.

O Cala-Boca Já Morreu nasceu de suas inquietações profissionais durante o atendimento clínico. “Como contribuir para elevar a auto-estima daqueles pequenos meninos e meninas entristecidos que chegavam à clínica? O que fazer para recuperar neles o brilho dos olhos, a curiosidade, a alegria? Não seria possível atendê-los de outra forma? Em outro lugar? Com outros procedimentos e instrumentais?”. Na busca por respostas, Grácia encontrou na Educomunicação pesquisada pelo NCE muitas das respostas, sem deixar de lado elementos da psicopedagogia, ambos reunidos na tese de mestrado que narra e justifica seu trabalho.

O foco é sempre o sujeito

Ela reconhece ser difícil operar todo o processo no ambiente escolar – “A intenção não é mudar a escola, queremos mexer com o sujeito. O que nos cabe é mobilizar” –, mas Donizete lembra que a escola é o único espaço público possível para se reunir pessoas para conversar abertamente. Se não dentro da sala de aula, nos grêmios e mesmo em projetos de finais de semana com as portas abertas da escola. “Eu só consigo alterar o meu meio quando me descubro como sujeito e aprendo a buscar comunicação, no sentido de buscar ações em comum”, diz. E para a obtenção deste objetivo, defende o rádio: “Ele é inclusivo. Para participar, não precisa estar alfabetizado”. Grácia completa, “quando a criança participa, ela se vê incluída, ela cresce e, por decorrência, aprende a ler e escrever” – e melhorar sua expressão.

Constituir sujeitos a partir de atividades coletivas, críticos em relação aos conteúdos e aos processos dos meios e ainda aptos a produzir as próprias mensagens em diferentes linguagens são as metas orientadoras tanto do trabalho de Kiki Mori e Alda Beraldo, no Cidade Escola Aprendiz, quanto da equipe de Anna Penido, da Cipó, em Salvador, e de Carlos Maldonado, em Cuiabá.

Secretário municipal de Educação, Maldonado teve passagens pela secretaria do Estado, pela reitoria da Universidade do Estado de Mato Grosso e pela Unesco. O Programa Pixé, tocado pela Secretaria, faz três abordagens junto aos alunos e professores, utiliza tecnologicamente os meios de comunicação, propõe análises e leituras crítica e ideológica das mensagens e cria espaços para a produção de comunicação alternativa pelos alunos e professores. O programa semanal de rádio "Quer Saber?", veiculado pela Rádio Cultura AM de Cuiabá é um deles. Aqui, alunos são acompanhados por radialistas, professores e jornalistas. Já a Rádio 13, ou Rádio Corredor, implantada na Escola Municipal Treze de Setembro, é administrada pelos alunos, que definem a programação, fazem a produção, locução e operam os equipamentos. Transmite a partir de um mini estúdio ligado às caixas de som distribuídas por toda a escola. Embrionário, ainda está em análise a ampliação do projeto para outras três escolas.

Em três anos de atividade, graças à parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Salvador, a Cipó expandiu suas experiências de Educação pela Comunicação capacitando cerca de 300 educadores e formando mais de 2,3 mil jovens em suas oficinas de produção. De fanzines a programas de rádio e vídeos, 66 produções foram realizadas. "A construção de uma peça de comunicação passa necessariamente pela desconstrução de muitas outras", explica a diretora executiva da ONG, Anna Penido.

Representante legítimo dos programas desenvolvidos pelo país, o Guia para Ações em Educação pela Comunicação é significativo e pode ser consultado em todo o país pela internet (veja quadro com leituras indicadas). Há depoimentos sobre ações já realizadas, indicações teóricas sobre a área e, para professores que querem botar a mão na massa, um banco de atividades para serem aplicadas em sala de aula. Mas cuidado: as atividades exigem do professor participação ativa para propor questionamentos e não para a imposição de seus valores. As ações devem permitir a expressão de cada participante. As intervenções do professor devem apontar as contradições dos discursos, auxiliando o aluno a estruturar sua argumentação. O espaço deve ser ocupado pela experiência do aluno. Para Anna, "A análise da mídia torna-se uma janela para que discutam a realidade, tanto a que vivenciam, quanto a que lhes chega através dos meios de comunicação".

A Rádio Escola Aprendiz Brasil 2000 tem como proposta a criação de uma rede de jovens correspondentes para levar ao ar, pela Brasil 2000 FM (107,3 MHz), informações que fogem à lógica das agências de notícia. O foco é a intervenção na sociedade. Dos 34 participantes da turma piloto, dez permanecem como correspondentes assíduos. A segunda equipe foi composta por 20 membros, de escolas particulares e públicas – assim como todas as

turmas do Aprendiz, que tem como princípio o entrelaçamento destes distintos universos. Durante a oficina de 30 horas, ao longo de três meses, os jovens são iniciados às técnicas jornalísticas de construção de texto e têm aguçados os sentidos para atentarem ao que acontece não só no país e no mundo – pelos meios de comunicação – mas nas ruas e nos bairros da cidade por onde eles mesmos circulam.

No final de outubro de 2002, as primeiras notas produzidas pela turma foram ao ar. Para a jornalista Kiki, “É a edição deles do mundo”. Entre as preocupações dos jovens, domina a expectativa de “informar fatos relevantes”. Figuram entre estes, num rápido levantamento de pautas feito pelos repórteres juvenis, as novas táticas da indústria fonográfica para acabar com o MP3, o trabalho voluntário, as iniciativas de exibição de cinema em praças públicas e o projeto Escola Aberta nos finais de semana.

Com direito a seis inserções diárias na programação da rádio, há espaço para a participação de muitos colaboradores, sem fazer de nenhum deles um estagiário compulsório e sem custos. Para 2003, Kiki Mori e a pedagoga Lia Roitburd estudam como fazer o projeto ganhar escala – meta sempre presente entre as ações educativas do Aprendiz.

A professora Alda Beraldo, coordenadora do projeto Expressões Digitais, vive precisamente este momento. Voltado para o desenvolvimento da expressão verbal escrita, o projeto piloto de 2001 contou com 76 alunos de quatro escolas (uma particular, três públicas). Em 2002, os alunos passaram a ser 1.100, de cinco locais diferentes. Com parceria ainda a ser definida, o plano para 2003 quer abrigar 4.500 alunos de 50 escolas do Ensino Médio do Estado. Também em 2003, o Aprendiz pretende disponibilizar em um site do programa todo o material de trabalho, sistematizado em um abrangente manual que aborda Língua, Mídia e Responsabilidade Social, para que a experiência se amplie mesmo que desvinculada do ONG.

A base para o trabalho são revistas semanais e mensais, escolhidas pelos próprios alunos que se agrupam em torno de escolhas comuns. Alda admite não ser simples formar um leitor crítico. “O que a gente faz é abrir um novo olhar para os meios”. Para além da identificação das estruturas e dos caracteres informativo e opinativo dos textos, há o incentivo para o questionamento que deve acompanhar todo o processo: “Por quê? Para quê?”. A escolha da capa, das fotos, das legendas, da abertura das matérias, apontam sempre um sentido. “Estas perguntas em seqüência, sendo sempre repetidas”, acredita Alda, “levam naturalmente ao aprofundamento e ao espírito crítico”. Para a redação de um texto com igual característica, exigir-se-á muita comparação, conhecimento de mundo e conhecimento histórico de várias fontes.

O Expressões Digitais também opera como alternativa aos espaços de realização de redação escolar, pois possibilita aos alunos buscar temas que lhe ofereçam maior significado, pois cada dupla de trabalho negocia o assunto a ser tratado. Os conteúdos de Língua são trabalhados a partir das dificuldades da dupla, cabendo ao professor socializar com todo o grupo as questões mais freqüentes. Exige-se, como se pode notar, muito dos educadores. Vinte deles já passaram por oficinas capacitadoras.

O projeto é estruturado sobre oito desafios propostos aos alunos: 1) formar um acervo de revistas; 2) e um acervo de livros de consulta (dicionários, gramáticas, manuais de redação e estilo) – que podem ser comprados ou simplesmente emprestados da biblioteca para o laboratório de informática durante as atividades. Parece simples, mas vencer os trâmites burocráticos para este empréstimo nem sempre o é; 3) Pesquisar para resolver dificuldades da língua; 4) conviver com as diferenças do grupo; 5) trabalhar com o processador de texto; 6) pesquisar em sites, comunicar-se por e-mail; 7) entrevistar jornalistas; e, o mais complexo: 8) publicar os textos.

Há importância no ato de colocar o que se escreve na rua para efetivar o ciclo da comunicação, lembra Alda. “Se você escreve, alguém precisa ler”. A publicação não é fácil, mas os jovens são incentivados a buscar patrocínios entre pequenos comerciantes, junto à escola, à Associação de Pais e Mestres. Para se fazer ouvir em nossa sociedade, existe um preço. E ele não é baixo.

Em fase piloto, um outro projeto coordenado por Alda, este em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado e com o Ministério da Justiça e Direitos Humanos, é o “Eu Escrevo, Alguém Responde”. Com 15 jovens, trabalha-se a redação a partir de cartas e, portanto, a partir da identificação do “que se quer escrever” e “para quem”. O trabalho inicia pelo registro da própria identidade, em cartas endereçadas para amigos e parentes. Adiante, se propõe como interlocutores pessoas que ocupam cargos em instituições públicas, empresas privadas e órgãos de imprensa. Estabelecem-se, assim, espaços para o exercício da emoção e do desejo, no âmbito particular, e dos direitos e deveres, próprios do espaço público.

IAS é pólo financeiro e conceitual

Responsável no país por grande parte do investimento na área, o Instituto Ayrton Senna não quer se limitar a ser um financiador. Rita Paulon, coordenadora do Programa Educação pela Comunicação, almeja estabelecer parcerias que mereçam esta caracterização. “Nosso objetivo não é apenas o atendimento direto de crianças e jovens, mas também a geração

conjunta de know-how a partir dos conhecimentos, experiências e competências com a finalidade de compartilhá-los com outras organizações”.

Além disso, para adequar-se ao programa, a instituição parceira precisa compartilhar o paradigma da Educação para o Desenvolvimento Humano, tomando como fio condutor das ações educativas as quatro aprendizagens do Relatório Jacques Delors, adotadas pela UNESCO como pilares da Educação – aprender a ser, a conviver, a conhecer e a fazer – em cada um dos três momentos do processo pedagógico: planejamento, execução e avaliação. Por ano, o IAS investe R\$ 1 milhão no Programa. Nove projetos, com valores variantes entre R\$ 70 mil e R\$150 mil, foram tocados no ano. Em São Paulo, os parceiros são o projeto Design Social, do Aprendiz, e a oficina experimental Papel Jornal – realizado por jornalistas junto a um público de 20 jovens do Jardim Ângela que rendeu ao grupo a publicação Becos e Velas Z/S e um espaço nobre na revista bimestral Simples, cuidadosamente editada em papel couchê de alta gramatura.

Belo Horizonte abrigou um projeto que mobilizou 60 jovens multiplicadores e 25 educadores no Centro Cultural Maria Lívia de Castro, Em Santarém, no Pará, ao Projeto Saúde e Alegria, em operação desde 1987, agregou-se o trabalho de 218 jovens repórteres que atuam como agentes multiplicadores através da produção de jornais, programas de rádio e vídeo, todos capacitados pelo projeto Jovem Caboclo.

No nordeste brasileiro, quatro instituições construíram pontes com o IAS, duas delas no Ceará: o Clube do Jornal Escolar, em Fortaleza, e a Escola de Comunicação Meninada do Sertão, em Nova Olinda, o projeto mais celebrado entre os trabalhos realizados pela Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri. Em Recife, a ONG parceira é o Canal Auçuba e, em Salvador, o Estúdio Cipó de Múltiplos. Pelo relato aqui realizado, atestando a qualidade dos demais, a parceria no Rio de Janeiro foi selada com as oficinas “Botando a Mão na Mídia” oferecidas pelo Cecip para 70 jovens multiplicadores e 60 educadores – sem contar as patrocinadas pela Credicard, Comunidade Solidária, Novib, Christian Aid e IECLB.

As Seis Dimensões da Educação para os Meios*

“O sujeito precisa conhecer a linguagem audiovisual e seu significado para que, assim, alfabetizado mediaticamente, possa compreender por completo e imediatamente o que o produtor da mensagem deseja comunicar. Ele precisa estar consciente de como funciona a indústria dos meios, como são seus processos de produção e quais seus interesses comerciais. À frente da TV, este sujeito não está de todo passivo, mas, sim, ativo, por desconstruir e reconstruir os significados segundo sua própria identidade e seu contexto. Neste momento, é fundamental que ele seja crítico sobre as ideologias escondidas nas mensagens e que se reconheça como um ser social, isto é, que seja consciente de estar sendo influenciado por diversas mediações, especialmente por seus pais e professores – daí que estes também devem participar de programas de educação para os meios. Tudo isto ajudará este sujeito a ser criativo em suas resignificações, onde expressará seus próprios sentimentos e idéias. Esta educação faz com que o sujeito passe a aproveitar-se dos elementos positivos dos meios de comunicação de massa ao mesmo tempo em que deve permanecer vigilante contra seus elementos negativos”.

* Retirado de pesquisa realizada por JOSÉ MARTÍNEZ-DE-TODA Y TERRERO. *Las seis dimensiones en la educación para los medios. (Metodología de Evaluación)*, Universidad Gregoriana, Italia, 1999.

Rio promoverá Cúpula Mundial de Mídia em 2004

A presidente da MultiRio, Regina de Assis, também é a coordenadora-geral da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, que o Rio de Janeiro sediará em maio de 2004. As inscrições já estão abertas e podem ser feitas pelo site www.riosummit2004.com.br. Serão quatro dias de encontro entre pesquisadores, professores e alunos, além de produtores e distribuidores de produtos de mídia voltados para crianças e adolescentes. São esperados cerca de 1500 participantes, incluindo crianças de escolas públicas e privadas. Organizado pela MultiRio e pelo Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes, um dos pontos centrais de questionamento da Cúpula será o de "para que criança produz-se mídia e com que propósito?"

Ao longo de 2003, o comitê organizador pretende realizar levantamentos da produção acadêmica relativa à mídia para crianças e adolescentes e de experiências originais. Também serão apresentados produtos e programas premiados internacionalmente pela qualidade de sua abordagem do público infanto-juvenil.

Entrevista com Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, do NCE/ECA/USP

O termo Educomunicação foi criado pelo pesquisador uruguaio Mário Kaplún para designar o campo da Educação para a Comunicação – ou da Leitura Crítica dos Meios – e, ainda hoje, é neste sentido que o conceito é comumente compreendido entre autores latino-americanos. Há pouco mais de quatro anos, Ismar de Oliveira Soares, diretor do Núcleo de Comunicação e Educação, da USP, propôs uma resignificação do termo. “Pretendo contribuir para a legitimação acadêmica de um campo que já existe na prática dos agentes sociais. Muitos profissionais, ao lerem as conclusões das pesquisas que venho elaborando, chegam à conclusão de que o perfil do educador descrito corresponde ao perfil deles próprios”, afirma.

Para Ismar, o campo da Educomunicação é o resultado da inter-relação da Comunicação com a Educação e abrangeria quatro áreas de intervenção: 1) a Educação para os Meios, promotora de reflexões sobre a formação de receptores críticos; 2) o uso e o manejo dos processos de produção; 3) a utilização das tecnologias de informação e seus produtos no contexto do ensino-aprendizagem; e 4) a comunicação interpessoal no relacionamento de grupos.

No campo prático, o **educom.rádio** é o mais ambicioso dos projetos do Núcleo. Até aqui, 121 escolas e mais de três mil educadores – entre professores, alunos e membros da comunidade – já foram formados. Para o primeiro semestre de 2004, 65 escolas e 1.625 participantes estão escalados. A equipe de educadores já supera 200. Até o final de 2004, serão mais de 11 mil formados. Para que a iniciativa ganhe ainda maior continuidade, o então vereador Carlos Neder (PT), hoje deputado estadual, apresentou o projeto nº 556/02, que pretende instituir como lei o programa “Educom - Educomunicação pelas ondas do rádio” na cidade de São Paulo. Juntamente com Ricardo Montoro (PSDB), Néder também é um autores de projeto de lei 145/01 que propõe dotar o município de meios legais para concessão de rádios comunitárias.

Outra iniciativa educacional junto ao poder público foi a realização, no segundo semestre de 2002, do Educom.TV, um curso de formação e aperfeiçoamento desenvolvido para a Secretaria de Estado da Educação. Os 2.240 professores cursistas de 1.024 escolas da rede participaram do questionamento sobre a utilização do audiovisual na sala de aula; especialmente o produzido para a TV. Se a cultura do cotidiano impregna a visão de mundo e a identidade de professores e alunos, mais que transmitir saberes, este professor deve formular problemas, provocar interrogações, coordenar equipes, sistematizar experiências –

exatamente o que fizeram, pela internet, os 35 tutores do projeto, selecionados entre estudantes de pós graduação da ECA-USP, com seus respectivos professores cursistas – 65 para cada, em média.

Porque educutivo, o projeto apontou como caminho o trabalho em colaboração para se conquistar mais e novos espaços de expressão – para os cursistas e seus alunos.

O curso de formação teve 180 horas/aula, 28 delas concentradas em quatro dias de encontro presencial – realizado com grupos de até 600 professores. O encontro, composto por palestras e oficinas, é uma condensação do curso à distância. Nele são abordados os conceitos de comunicação, linguagens da comunicação, linguagem do vídeo, cultura e consumo midiático. Nas oficinas, são analisados materiais não escolares, tais como capas de revistas e telenovelas. Temas e tarefas que compõem os dez tópicos presentes na plataforma construída na internet.

Os seis primeiros oferecem problematizações ao professor. Cada tópico é composto por um texto motivador – cujos hiperlinks permitem o aprofundamento dos conceitos expostos – e por um exercício reflexivo, que será acompanhado por um dos tutores vinculados ao projeto, além de bibliografia, filmografia e sites indicados. Ao longo dos três tópicos seguintes, em dupla, os professores de uma mesma escola elaboraram um plano pedagógico educacional, agregando estratégias de utilização de produções da TV Aberta e da TV Escola. O último tópico foi reservado para o planejamento da avaliação do processo.

Para atender os alunos, agregou-se uma iniciativa do CAAP (Communication Allies Around the Planet), coordenada pela pesquisadora Tânia Callegaro, também do NCE, o Tódeolho.TV. A experiência reuniu 350 alunos de 35 escolas para trocar, pela internet, impressões a respeito da programação televisiva.

Assim como Kaplún, Ismar pesquisa e desenvolve ações educacionais relacionadas ao campo da comunicação desde a década de 70 e são, ambos, referências para o estudo desta inter-relação na América Latina.

Leia, a seguir, trechos da entrevista com Ismar Soares.

Sérgio: A escola perdeu espaço para os Meios de Comunicação de Massa como correia de transmissão dos valores da sociedade?

Ismar: A escola não perderá seu espaço se for capaz de atualizar seus referenciais e seus procedimentos. Na verdade, a escola é um espaço comunicativo por excelência. A questão é saber de que comunicação estamos falando, pois podemos ter uma comunicação autoritária e outra dialógica e participativa. O que a comunicação pretende rever são as relações de

comunicação no interior da escola e na relação entre a escola e seu entorno. É nesta segunda perspectiva de relação que surge a proposta de se realizar sistematicamente uma leitura crítica da comunicação dos meios massivos. Porém, somente será capaz de criticar os grandes meios os que forem capazes de analisar sua própria comunicação.

Sérgio: A utilização dentro da sala de aula das referências da indústria cultural já presentes na vida das crianças e dos jovens não legitimam estes conteúdos – comerciais e não educativos?

Ismar: Os referenciais da indústria cultural são conquistas da cultura contemporânea. O que se deve fazer é passar estes referenciais a limpo à medida que se toma contato com eles, usando, para tanto, pesquisas e reflexões conduzidas de forma sistemática. Sou a favor que se leve os produtos da indústria cultural para dentro da sala de aula, desde que os professores e educadores sejam preparados para conduzir o processo de diálogo entre seus alunos e o mundo midiático.

Sérgio: O que é necessário para que a utilização destes conteúdos desperte a reflexão sobre eles? Como despertar o espírito crítico?

Ismar: Qualquer reflexão surge de conflitos de interesses e de idéias em debates. Quem está mergulhado numa sociedade consumista não tem críticas a fazer ao sistema de meios de comunicação. Quando, contudo, a escola toma a iniciativa de desenvolver uma reflexão sobre a importância de se adotar uma prática solidária de relações humanas, aí, sim, faz sentido, analisar o comportamento dos meios e ver de que lado estão. Quando os alunos descobrem as contradições presentes na produção cultural dos meios massivos tornam-se efetivamente críticos. Nesse sentido, minha opinião é a de que as escolas devem integrar definitivamente os meios como objeto de análise, lembrando, contudo, que o primeiro sistema de comunicação a ser analisado é aquele constituído pela própria escola, ou ainda, aquele constituído pela produção de mensagens pelos próprios alunos.

Sérgio: O ensino pela prática do processo de produção garante, por si só, uma visão de mundo crítica? Este ensino pode, perfeitamente, servir apenas para que os educandos reproduzam conteúdos já consumidos. Como evitar esta armadilha?

Ismar: A armadilha pode ser evitada quando o uso das tecnologias é feito a partir de um projeto bem definido que inclua a avaliação do que se fez à luz de uma teoria crítica da comunicação.

MultiRio fomenta inter-relação mídia e escola

A rede pública da cidade do Rio de Janeiro abriga variadas experiências com a mídia nas escolas. Diluídas pelo caráter autônomo dado às unidades escolares, mas amarradas pela filosofia de atuação da Empresa Municipal de Multimeios – a MultiRio, vencedora, em 2002, do primeiro Prêmio de Educomunicação Mariazinha Fusari, instituído pelo NCE, da USP. O professor Ismar Soares, membro do júri e um dos idealizadores do prêmio, justifica a distinção pelo conjunto do trabalho. “O que chamou a atenção do júri”, pontua, “foi a gestão participativa desenvolvida pela sua direção, a qualidade do diálogo com os professores da rede pública de educação e, enfim, a natureza dos produtos, evidenciando o pleno entendimento da natureza específica da inter-relação comunicação/tecnologias da informação/educação”.

Responsável pela produção de publicações impressas, programas de TV, vídeos e sites utilizados por professores e alunos da rede pública, a MultiRio promove, em parceria com a Divisão de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação, a troca das experiências desenvolvidas nas escolas. Seja por meio de grupos de estudo, seja pelas publicações e programas de TV, como o semanal “Nós da Escola”.

Projeto gestado na própria MultiRio por Patrícia Alves Dias, o “Carta Animada Pela Paz” teve início em 2001 e prossegue até dezembro de 2003 almejando chegar a 30 escolas – três por cada Coordenadoria Regional. Os CIEPs Adão Pereira Nunes e Zumbi dos Palmares e a E.M. Charles Anderson Weaver reuniram-se para realizar o vídeo animado “Simplesmente Acari” (1’30”, Beta, Cor). Da escolha do tema – a violência doméstica contra mulheres e crianças causada pelo álcool – à realização, a efetiva participação das crianças garantiu o engajamento no projeto. O episódio é uma série de 10 vídeos a serem realizados pelas outras oficinas de animação.

Estrategicamente, uma das três escolas escolhidas já deve ter experiências com a utilização de mídias. Para o projeto piloto, o CIEP Adão Pereira Nunes foi escolhido pelo extenso trabalho dialógico que realiza com a comunidade, desde 2001, para a instalação da TV Pedagógica, cujos programas são produzidos pelos alunos a partir de sua própria realidade, a do Bairro de Acari, envolvendo toda a comunidade local (veja depoimento do idealizador Ricardo Bernardes nesta página). Patrícia pretende implementar – após a formação de professores em técnicas e linguagens de animação de baixo custo e o desenvolvimento de uma metodologia de avaliação com alunos e educadores – um Núcleo de Produção de Animação em cada CRE.

A utilização do rádio também é incentivada. Além de manter um grupo de estudos sobre a utilização do veículo na escola, as escolas Pólo de Educação pelo Trabalho (PET) oferecem oficinas aos alunos no início do ano letivo (Informações: 21 2503-2351). O PET Alzira Araújo é o que mantém em operação a Rádio Escolar – “Sintonia da Alzira” – há mais tempo, desde 1998, e o “Conto Nosso de Cada Dia” é o projeto mais recente.

As experiências são múltiplas. Professora de Artes Visuais, Tereza Gil se utilizou de uma visita à exposição do fotógrafo Sebastião Salgado para propor às turmas das 7ª e 8ª séries da Escola Municipal Presidente Eurico Dutra o projeto “Êxodos = Do Lado de Lá”, que rendeu pesquisas na internet, dramatizações e produção de textos, fotos e vídeos. Os textos de base surgiram das respostas dos alunos à questão proposta: “Se as pudéssemos ouvir, o que as pessoas fotografadas estariam nos dizendo?”. Uma vez dramatizadas para a câmera, estas falas foram coletivamente selecionadas e os alunos que assim o quiseram se apresentaram em performance, também filmada e editada, para toda a escola. “Alunos e professores precisam explorar diferentes mídias como espectadores e produtores, para que, por diferentes canais de expressão, possam fruir e atuar de maneira crítica” defende Teresa, que hoje coordena o Núcleo de Arte Copacabana, junto à Escola Municipal Alencastro Guimarães. “O meu jeito de buscar tocar alunos e alunas em termos éticos, estéticos e culturais envolve sensibilização e diálogo, emoção e razão, pesquisa e expressão”, ensina. “Não é fácil”, conclui.

TV Pedagógica em gestação

Trabalhamos com a novela “O Cravo e a Rosa”. Alguns capítulos eram apresentados em sala de aula e diversas reflexões e atividades foram propiciadas a partir deste material. Trabalhamos época, costumes, sociedade, economia e os marcos que precisávamos fortalecer da alfabetização. Fizemos pesquisas com os alunos para entendermos o que eles assistiam na TV, que tipo de escolhas faziam nos momentos que estavam em suas casas.

(...)

A partir desta leitura do mundo da comunicação que o nosso aluno teve acesso, fomos descobrindo novos caminhos para a nossa proposta de trabalho.

(...)

Os alunos começaram a lidar com os equipamentos de vídeo que a escola dispunha em sua sala de leitura. Começaram a se ver na tela da televisão. Passaram a produzir imagens. Nos primeiros trabalhos, colher a imagem deles era muito difícil. Todos queriam ficar diante da

câmara, todos queriam acenar, mandar beijos para mãe... Conversando com o professor Túlio da EM Arthur da Costa e Silva, amigo e parceiro, comentei sobre isto. Ele explicou que isto era muito normal, depois de um certo tempo isto mudaria e tudo seria mais natural. E foi o que aconteceu.

(Ricardo Bernardes, idealizador do TV Pedagógica)

Livros e sites

Educomunicação, Reflexões e Princípios, de Angela Schaun. Editora Mauad.

Educomunicação e Mídias, de Rossana Viana Gaia. EDUFAL.

A Criança e a Mídia – imagem, educação, participação, de Cecília Von Feilitzen e Ulla Carlsson (orgs.). UNESCO e Cortez Editora.

Revista Comunicação e Educação, ECA-USP. Editora Salesiana.

Outras Linguagens na Escola – Publicidade, Cinema e TV, Rádio, Jogos, Informática, de Adilson Citelli (coordenador). Cortez Editora.

Comunicação Escolar: uma metodologia de ensino, de Heloísa Dupas Penteado, Editora Salesianas.

Jornalismo e Desinformação, de Leão Serva. Editora Senac.

Comunicação e Educação - A Linguagem em Movimento, de Adilson Citelli. Editora Senac.

Televisão e Educação, de Joan Ferres. Editora ArtMed.

Cala Boca Já Morreu / GENS

www.portalgens.com.br

MultiRio

www.multirio.rj.gov.br

educom.tv

www.educomtv.see.inf.br

Tôdeolho.tv

www.wwbusiness.com.br/todeolhotv/

Estúdio Cipó de Multimeios

www.cipo.org.br

4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes

www.riosummit2004.com.br

Rádios Comunitárias

www.obore.com